

ACERVOS PRIVADOS: INDIVÍDUO, SOCIEDADE E HISTÓRIA

Rejane Silva Penna¹
Cleusa Maria Graebin²

Memória e Acervos Privados

A expressão "Acervos Pessoais" poderia ser definida como o conjunto dos documentos produzidos e/ ou pertencentes a uma pessoa, um indivíduo, resultado de uma atividade profissional ou cultural específica. Distinguem-se os acervos pessoais dos arquivos privados, que podem revelar uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que supõem, geralmente, uma transmissão entre várias gerações. O alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constituiu:

Eu penso, por exemplo, nos arquivos dos cientistas, dos artistas. A leitura destes acervos pessoais remete o historiador ao nível microsocial. Por exemplo, tomemos o caso do diário íntimo, esta «meteorologia interior», segundo a definição dada por Henri-Frédéric Amiel (1821-1881). Sua leitura nos permite ter um acesso privilegiado à sensibilidade de um período, para entender de forma mais aguda como se articula uma vida pessoal com os acontecimentos mais gerais, como um indivíduo reage, antecipa ou encontra um descaminho para escapar de uma realidade difícil. A partir daí, é a compreensão da articulação entre os níveis micro e macro que está em jogo, entre o singular e o geral. Poderíamos dizer a mesma coisa das cartas. É só ver, hoje, o número de publicações relativas às correspondências entre cientistas, poetas. E é justamente este aspecto que me permite fazer a transição com a questão da memória coletiva.³

Concordamos com as inúmeras potencialidades à pesquisa proporcionadas pelos Acervos Pessoais, mas não adotamos critérios tão rígidos para sua nomenclatura. Na verdade, os locais que conservam, classificam e disponibilizam a memória da sociedade ao público, como os Arquivos, Centros Documentais, Memoriais, etc..., por vezes agregam em um mesmo fundo⁴ documentos reunidos pelo próprio detentor do

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

² Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (RS). Professora Adjunta do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle (Canoas - RS).

³ VIDAL, Laurent. Acervos pessoais e memória coletiva: alguns elementos de reflexão. *FCLAs – CEDAP*, Campinas, v.3, n.1, 2007.

⁴ Conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Termo que equivale a arquivo (NOBRADE – Norma Brasileira de Descrição Arquivística).

acervo pessoal com documentos doados pela família. Ocorre que a maioria dos documentos pessoais somente chega a uma instituição após a morte do indivíduo. Dessa forma, quase sempre a ordem original é alterada e cartas, fotos e bilhetes relacionados ao indivíduo são incluídos na doação. Fica difícil, então, manter uma divisão rígida entre Acervos Pessoais, Arquivos Particulares e Acervos Familiares.

Frente a esta problemática, denominaremos os Fundos do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, doravante denominado AHRS, aqui mencionados, como Acervos Privados.

Esta documentação, de natureza variada, depende das atividades exercidas pelo personagem que se relaciona a ela, bem como a sua própria vontade de acumulação, ou seja, aos critérios que nortearam suas escolhas dentre o que seria preservado e o que seria descartado. Podem constituir-se em atas, jornais, proclamações, registros, fotografias, diários, vestígios orais e visuais, enfim, toda aquela gama de elementos que são a matéria prima para discutir o que já foi estabelecido ou reconstruir de outra forma trajetórias de grupos, cidades, pessoas e acontecimentos.

Utilizando documentação dos Acervos Privados como fontes históricas, pode-se desmistificar o acontecimento pronto e acabado, que sempre compõe uma imagem que ambiciona abranger a totalidade do processo, devendo ser decomposto para denunciar aos espectadores o arbítrio de sua construção⁵.

O fato é que a “*memória de um acontecimento do qual não participamos depende da possibilidade de termos acesso a este acontecimento*”. E este acesso, por sua vez, depende da existência de traços – traços escritos, orais, monumentais ou arqueológicos: “*Sem estes, sobram apenas o silêncio e o esquecimento*”⁶.

No caso de diários ou cartas, percebem-se práticas de escrita que podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. ⁷.

A seguir, vamos expor três exemplos de Acervos Privados e sua potencialidade para a pesquisa, todos sob a guarda do AHRS, instituição integrante da Secretaria de Estado da Cultura, que desde 1903 vem mantendo, sob sua custódia, documentos públicos e privados que remontam ao século XVIII, retratando a vida social, política, administrativa e econômica da região.

Acervos Privados: Uma Pequena Amostra

Conforme analisado por Belloto⁸, durante a fase de uso primário, em que o indivíduo em vida acumula documentos, estes servem eminentemente ao próprio titular. Passando à fase da preservação, estabelece-se o uso secundário “*cujo objetivo não é mais o jurídico ou profissional do próprio titular do arquivo e, sim o da pesquisa*

⁵ STEPHANOU, Maria. Instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, v.18, n. 36, 1998, p. 9.

⁶ VIDAL, Acervos pessoais..., p. 4.

⁷ GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13.

⁸ BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 267.

*científica, feita por terceiros*⁹. Ocorre uma transformação em que a potencialidade informacional dos documentos alcança um campo mais “*vasto que a vida e a obra do produtor/detentor dos papéis*”¹⁰. E é dentro dessa perspectiva que relacionamos dois Acervos Privados: o de Julio de Castilhos e o de João Neves da Fontoura, constituídos de documentos colecionados e preservados para a posteridade, com um interesse especial na construção e modernização do Estado Republicado. Acrescentamos ainda outra modalidade de acervo privado, o diário pessoal de Manuel Lucas de Oliveira, com memórias da experiência da Guerra do Paraguai.

Arquivo Particular João Neves da Fontoura

O Acervo de João Neves da Fontoura (1887-1963) foi adquirido em 1979 pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. O personagem teve uma intensa e variada participação política em nível estadual e nacional. Elegeu-se deputado federal em 1928 e passou a liderar a bancada gaúcha, acumulando o mandato com o cargo de Vice-Presidente do Estado, sendo um dos principais articuladores da Aliança Liberal e da Revolução de 1930. Exerceu o mandato mais duas vezes, em 1930 e 1935-1937, além de outras funções como Ministro das Relações Exteriores, Embaixador em Portugal ou ainda como membro da Academia Brasileira de Letras.

A organização deste acervo foi feita ao longo do ano de 1998¹¹. Verificando a inexistência de um arranjo original a ser preservado, realizou-se um levantamento biográfico do personagem, procurando elaborar grandes Séries onde a documentação seria inserida, de acordo com as atividades desenvolvidas pelo mesmo. Foram divididas em: Assembleia das Américas para o Rearmamento do Mundo, Atividades como Advogado, Atividades Diplomáticas, Atividades Literárias, Atividades Políticas, Comitê de Aproximação Bélgica – Brasil, Consultor Jurídico do Banco do Brasil, Documentação Complementar, Documentação Pessoal, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Instituto de Direito Comparado (Universidade Católica – Rio de Janeiro), Revolução Constitucionalista e Recortes de Jornal.

Tratando-se de um homem público, mesmo as suas correspondências “pessoais” trazem informações interessantes sobre os acontecimentos políticos. Fora do cargo de Ministro, João Neves da Fontoura continuou a receber correspondências de seus amigos e ex-colegas vindas do exterior, em que comentam as relações internacionais, como o contexto europeu e as relações de Getúlio Vargas com o General Perón.

Na Série Atividades Políticas, encontram-se papéis relativos aos períodos em que foi deputado, além daqueles em que tratava de questões político-partidárias por ser membro de destaque do Partido Social Democrático – PSD. Assim, nessa Série acham-se informações sobre a revolução de 1930, já que foi como líder da bancada gaúcha que João Neves da Fontoura participou da eleição Vargas e posteriormente da organização da Revolução de 30.

⁹ BELLOTO, *Arquivos permanentes...*, p. 267.

¹⁰ BELLOTO, *Arquivos permanentes...*, p. 268.

¹¹ Trabalho realizado pelo historiógrafo do AHRS, Dr. Paulo R. Staudt Moreira. No tópico destinado a João Neves da Fontoura, baseamos nosso texto nas próprias explicações escritas pelo historiógrafo, presentes no Instrumento de Pesquisa (AHRS).

Arquivo Particular Julio de Castilhos

O Arquivo Particular Julio de Castilhos passou a integrar a documentação do Arquivo Histórico desde 2008¹², contendo um conjunto de documentos como cartas, atas de reunião, papéis oficiais, bilhetes pessoais, imagens, etc.. Lamentavelmente, também a ordem original perdeu-se ao longo do tempo e no período da doação já era impossível reconstituí-la. Os documentos, doados por familiares em 2002, dado o seu caráter íntimo de comunicação, provavelmente fizeram parte do acervo pessoal de um personagem que impôs forte marca na história do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Julio de Castilhos talvez seja uma das figuras mais emblemáticas e decisivas na montagem do Estado Republicano Rio-grandense. Sabe-se que as revisões críticas ao processo de análise e escrita da história relegaram o culto ao personagem a um passado distante, substituindo pela inserção do indivíduo em seu contexto. Mesmo assim, dentro da nova perspectiva, o magnetismo de determinadas lideranças, possuidoras de características importantes para o encaminhamento de alternativas políticas no seu tempo histórico, tornam necessário o estudo detalhado dessas singulares equações. É o caso de Julio de Castilhos, nascido em 1860, que foi Presidente do Estado e Chefe do Partido Republicano Rio-Grandense até sua morte precoce. Redigiu a primeira constituição republicana do Estado, em que o Poder Executivo, hipertrofiado, mal disfarçava a autodenominada “ditadura científica”, legado da doutrina positivista. Faleceu em 1903, quando ainda dominava o cenário político do Rio Grande do Sul, incentivado por correligionários a colocar seu imenso prestígio na disputa à Presidência da República. Depois de morto, continuou sendo cultuado, contando hoje com magnífico monumento na praça central da capital do Rio Grande do Sul.

Originalmente o acervo compunha-se de objetos e documentos escritos, tendo sido realizada uma divisão de acordo com as características e funções das instituições designadas para a guarda do acervo a ser organizado. Ao Museu Julio de Castilhos coube à parcela referente aos objetos e ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul a documentação escrita.

A intensa correspondência com seu secretário Aurélio Virissimo de Bittencourt foi recentemente transcrita e publicada, no volume denominado “Política e Poder nos primeiros anos da República”, levando-se em consideração a fragilidade do seu suporte, o papel, que mesmo recebendo tratamento adequado ainda sofre a ação de agentes que o danificam. Estão previstas novas publicações deste acervo.

O nível de descrição é definido como Arquivo Particular, com Séries e Subséries, com 17 caixas-arquivo, contendo os maços de documentos. O período abrangido pela documentação compreende, desde as primeiras décadas do século XIX até 1903. Um pequeno grupo de documentos transcende esta data final e foram agrupados como “documentos post-mortem”.

O critério utilizado para organizar a documentação em Séries e Subséries foi temático ou tipológico. Levando em consideração que as correspondências, bilhetes, recortes etc., mesclavam diversas procedências e interesses, optou-se por organizá-los em Séries relativas a grandes temas. Dentro de cada Série, quando necessário, para

¹² A documentação foi organizada pela Historiógrafa do AHRS, Dra. Rejane Penna.

facilitar a consulta, subdividiu-se em Subséries, Foi o caso, por exemplo, da Série “Correligionários”, que reúne o maior número de correspondências e documentos e “Assuntos Familiares”. Nos dois casos, quando algum indivíduo destacava-se pelo número de contatos ou por sua significativa importância, configurou-se uma Subsérie. Devido ao singular papel do secretário particular de Julio de Castilhos, Aurélio Viríssimo de Bittencourt, a documentação relativa a ele transformou-se em uma Série.

Optamos por não efetuar descritores da documentação, à medida que a quase totalidade dos escritos misturavam diferentes assuntos. Para melhor compreensão é fundamental colocarmos na íntegra uma correspondência típica do Arquivo Particular Julio de Castilhos, mantendo a linguagem original:

8-1-1902, às 5 pm.

Dr Julio. - Boa tarde. Depois da expedição da segunda carta de hoje, recebi vossa correspondencia postal, que remetto agora, accrescentada de uma carta do **Conrado**, outra do **Cherubim**, outra do **Evaristo** e ainda outra de **Domingos Barreto Leite**. Vae tambem um telegramma.

Escreveu-me o **Ignacio Manoel Domingues**, enviando a carta inclusa e dizendo não devolver na ocasião o vosso telegramma por estar em mão da esposa do tenente **Domingues**. Tambem mandou-me o telegramma do Ministro da Fazenda, insistindo pela informação relativa á proposta da estrada de ferro de **Porto Alegre a Uruguayana**.

Junto encontrareis nova carta do **Fortuna** e o numero do **Diario Oficial** que publica a nomeações da guarda nacional para a comarca de **Taquary**.

Houve hontem noticia de uma notificação de outro caso de peste bubonica na **rua João Telles**. O dr. **Montaury** encarregou-se de tomar informações, chegando a este resultado: “**Adelina Vieira Berucci**, casada, 30 anos, moradora á **rua general João Telles** n. 49, mordida ha 12 dias por uma aranha venenosa na perna esquerda, cujos dentes foram extrahidos pelo dr. **Luiz Masson**, que receitou agua sublimada e acido phenico. Sobreveio depois uma pontada do lado direito, de que soffre ha dois annos. O dr. **Masson** receitou ha dois dias. Não tem febre. [1v]

Diante disto, não houve como qualificar o caso de peste bubonica e não se falla mais no assumpto.

Diz. o dr. **Medeiros** que o **Protasio** veiu communicar existir um bubonico no predio n. 115 da **rua do Andradas**. Sendo o 6º individuo que nessa casa adoece, foi combinada a demolição do predio, o que far-se-á no menor prazo possivel.

Quanto ao **Rio Grande**, até agora nenhuma resposta quer do **Felipe Caldas** ao **Protasio**, quer do **Crescentino**

ao Presidente. Este, si continuar o silencio do inspector da alfandega, reclamará contra o da saude do porto ao Ministro do Interior, baseado na Constituição e no proprio regulamento sanitario federal. Antes, porém, de ser expedido o telegramma, será este sujeito á vossa revisão.

*Nada mais. Estamos por aqui em completa pasmaçeira. Aceitae saudades do dr. **Medeiros** e do vosso*

[a] Aurelio

Meus respeitos á Exma. Família.¹³

Então vejamos: o assunto principal é relacionado à peste bubônica, o que ensejou uma grande batalha política entre o Governo Positivista de Julio de Castilhos e a Faculdade de Medicina, tendo em vista a recusa do Governo em reconhecer o problema. Mas, misturam-se disputas eleitorais, controle político no interior do estado e a importante questão da estrada de ferro, essencial ao escoamento da produção do Estado. Logo, concluímos que o destaque a alguns temas poderia prejudicar as possibilidades de pesquisa de outros, bem como o sumário de todos os assuntos seria inviável em boa parte dos casos (existem cartas de várias páginas, inclusive).

Respeitando esta diversidade, a divisão, em Séries ficou como Série 01: Assuntos de Estado (documentos relacionados a assuntos e personagens em âmbito público); Série 02: Assuntos Familiares, (Correspondências, bilhetes e documentos tratando de temas familiares entre Julio de Castilhos e seus parentes ou apenas entre seus parentes); Série 03: Atas, Manifestos e Panfletos (Documentos de registro, propaganda ou opinião política); Série 04: Cargos Provimentos e Solicitações (Correspondências com a finalidade principal de pleitear e/ou preencher cargos públicos); Série 05: Assuntos Privados Julio de Castilhos (Documentação relacionada estritamente a interesses pessoais de Julio de Castilhos); Série 06: Conflitos e Sedições (Documentação que trata da movimentação de episódios de convulsão social); Série 07: Telegramas (Exclusivamente telegramas de caráter político. Em sua maior parte concentrados em determinadas datas. Ex.: telegramas enviados por Julio de Castilhos por ocasião do término de seu mandato de Presidente do Estado); Série 08: Correligionários (Correspondências e documentos que tratam da comunicação política entre Julio de Castilhos e membros do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) ou entre eles. As Subséries são nominadas pelo titular que envia e recebe correspondências); Série 09: Aurélio Viríssimo de Bittencourt Junior. (Correspondências trocadas entre Aurélio Bittencourt, Julio de Castilhos e diversos correligionários. Também inclusas as correspondências ditadas por Julio de Castilhos a seu Secretário); Série 10: Folhetos e Jornais (Fragmentos de periódicos e folhetos); Série 11: Cartas de Pêsames (Correspondências, cartões e bilhetes expressando pêsames pela morte de Julio de Castilhos); Série 12: Assuntos Diversos (Documentação de caráter diversificado, até 1903); Série 13: Documentos post-mortem (Documentação de caráter diversificado, pós 1903) e Série 14: Imagens (Fotografias, postais, etc.).

¹³ ARQUIVO Histórico do Rio Grande do Sul. Série Aurélio Viríssimo de Bittencourt. In: PENNA, Rejane & MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (coord.). Política e poder nos primeiros anos da República: a correspondência entre Julio de Castilhos e seus secretário, Aurélio Viríssimo de Bittencourt. Porto Alegre: Edipucrs, 2009, p.318/319

Além desses dois acervos, poderíamos listar diversos outros exemplos, mas concluiremos com um tipo diferente de Acervo Privado – o Diário do Coronel Manuel Lucas de Oliveira, já transcrito¹⁴.

Manuel Lucas de Oliveira nasceu 1797, falecendo em Rio Grande em 1874. Estancieiro nas proximidades do Rio Candiota, foi Capitão da Guarda Nacional de Piratini e um dos organizadores da Revolução Farroupilha naquela localidade, acompanhando o General Antônio de Souza Neto. Junto com Joaquim Pedro Soares, influenciou para a proclamação da República Rio-Grandense em 11.09.1836 e foi eleito deputado à Assembleia Constituinte, reunida em Alegrete, em 1842. Nomeado Ministro da Guerra e da Marinha, participou dos entendimentos para a pacificação em 1845. Dois anos depois foi nomeado Coronel da Guarda Nacional e comandante dos municípios de Piratini, Bagé e Jaguarão. Participou das guerras platinas contra Oribe e Rosas, comandando uma brigada de reserva. Em 1º de dezembro de 1864 foi feita a primeira anotação no Diário, seguindo-se registros cotidianos até 2 de janeiro de 1866. Lucas de Oliveira acompanhava atentamente os acontecimentos que imediatamente antecederam e iniciaram a Guerra da Tríplice Aliança, através dos jornais ou das cartas trocadas com seus amigos, aliados e compadres. Especialmente interessante é que no diário do Coronel explica-se como se davam as relações de amizade, parentesco ou dependência, necessárias para o recrutamento dos contingentes necessários ao esforço de guerra.

Em suas anotações sobre o processo de arregimentação de soldados, verificam-se as deficiências do Exército Imperial, que ainda não contava com uma organização profissionalizada, o que ficou claro no conflito com o Paraguai, onde as formas de recrutamento tradicionalmente utilizadas demonstraram-se precárias para o esforço de mobilização requerido, bem como dificuldades na qualificação dos postos de comando. Exemplificamos com o trecho a seguir, em linguagem editada para a publicação:

*18 de abril de 1865: fui ao Manduca e ali encontrei o Primo Chico Lucas e conversamos mais de 5 horas sobre as coisas da época, retirando-me deixando bem claros meus pensamentos sobre a guerra atual e sobre os homens que a dirigem, isto é, que nenhum deles presta para nada, e por isso me não subordino a ser comandado por tais imbecis. Voltei de tarde pelo Janjão e cheguei aqui felizmente. Escrevi ao Mano Valério sobre os Jornais pelo Caetano.*¹⁵

Também na leitura da documentação, em vários momentos, Lucas de Oliveira fala na compra de fardamento, montaria e gado para consumo das tropas, realizada com seus próprios recursos ou de outros companheiros, que talvez conseguissem ressarcimento mais tarde.

O estudo dos Diários tem o potencial de inserir-se de forma estratégica nos estudos que buscam *“compreender os processos sociais em escala individual”*, defendendo

¹⁴ Transcrição pelo Historiógrafo do AHRS, Dr. Paulo R. Staudt Moreira. No tópico destinado a Lucas de Oliveira, baseamos nosso texto nas próprias explicações escritas pelo Historiógrafo, presentes no Instrumento de Pesquisa (AHRS).

¹⁵ ARQUIVO Histórico do Rio Grande do Sul. Diário do Coronel Manuel Lucas de Oliveira – 1864-1865. Porto Alegre: EST. 1997, p. 50.

a importância de "analisar o social também na escala do indivíduo"¹⁶. Um conflito cercado de mitologias e emblemas corre o risco de distanciar-se dos leitores e estudantes contemporâneos, ao aparentemente perder suas marcas de experiência humana e tornar-se apenas efeméride. Os pensamentos e sentimentos anotados por um indivíduo reavivam o processo e ensejam novos interesses e discussões.

Documentos Privados: Chaves Para a Leitura de Seu Tempo

A leitura mais apurada dos Acervos Privados mostra redes de sociabilidade, esboçadas através da prática de relacionamento pessoal, social e político marcado nas cartas, bilhetes e anotações. São indícios de acontecimentos, trocas intelectuais e práticas políticas, indicando, como afirma Prost, que “*essas folhas que dormem há tanto tempo conservam o traço de existências múltiplas, de paixões hoje extintas, de conflitos esquecidos, de análises imprevistas, de cálculos obscuros*”¹⁷.

O que é legado à posteridade, nestes acervos, resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo. Muitas vezes, principalmente no caso de Acervos Privados de pessoas públicas, essa seleção também é feita por auxiliares e, após a morte do titular do arquivo, por familiares e amigos. Os Acervos Privados constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade que oferecem de complementar informação constante em arquivos de natureza pública¹⁸.

E quando estes acervos contêm cartas (quase sempre), devemos ter presente que elas não são apenas veículos que propiciam encontro de pessoas fisicamente distantes, ao circular informação. A natureza e o conteúdo das cartas produzem sensações, mexem com o estado emocional tanto do autor quanto do destinatário.

Pesquisadores que se debruçaram sobre as correspondências, observam que “*quando preservadas, permitem alimentar a esperança de tornar o passado legível, tocar o que de real restou de um tempo pretérito, vivendo a sensação de atingir de forma definitiva e próxima os testemunhos do passado*”¹⁹.

Seguindo a mesma reflexão, no caso de cartas, percebem-se práticas de escrita de si que podem evidenciar como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.²⁰.

No trabalho com os Acervos Privados cuidados devem ser especialmente tomados pelo pesquisador, considerando o caráter informal de sua escrita. A fragmentação peculiar às fontes históricas privadas muitas vezes, quase inacessíveis, pelas barreiras impostas por parentes ou deterioração dos documentos, exige uma série

¹⁶ RIBEIRO, 2005, p. 27, apud THIES, Vania Grim & PERES, Eliane. Quando a escrita ressignifica a vida: diário de um agricultor - uma prática de escrita ‘masculina’. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 41, 2009, p. 216-231.

¹⁷ PROST, Antoine. Les pratiques et les méthodes. In: RUANO-BORBALAN, Jen-Claude (coord.). *L'histoire aujourd'hui: nouveaux objets de recherche, courants et débats, le métier d'historien*. Auxerre: Sciences Humaines, 1999, p. 386.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

¹⁹ VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna. In: GOMES, *Escrita de si...*, p. 113.

²⁰ GOMES, *Escrita de si...*, p. 13.

de procedimentos metodológicos, por parte do pesquisador, para que sua análise tenha maior rendimento, ou seja:

Em geral, além de serem fontes dispersas e fragmentadas, que precisam ser analisadas em Séries, são de difícil leitura, sobretudo quando manuscritas, [...] A correspondência também exige vários cuidados e níveis de análise, que considerem desde sua materialidade – papel, letra, protocolos de leitura da carta – os códigos que definem o gênero epistolar – saudações, despedidas e assinatura -, até observações sobre suas formas de circulação e guarda, reveladoras da identidade, de seu destinatário. ‘Tudo isso para além das questões que remetem à montagem da rede de relações organizacionais e afetivas presente na correspondência’.²¹

Os pesquisadores que já se aventuraram com este tipo de recurso histórico recomendam que se deva observar o ‘lugar social’ de quem escreve: a posição ocupada pelo missivista, num dado momento, no campo intelectual e político. Isso porque a correspondência pode estar voltada para certo objetivo específico, embora não exclusivo, ou combinar de forma mais equilibrada algumas intenções.

Cuidados de outra natureza também devem ser observados, pois devido a sua importância, já existe toda uma legislação regulamentando o uso e acesso a tal tipo de documentação, conforme também podemos ler no site do Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas:

Alguns arquivos pessoais podem ser classificados como ‘de interesse público e social’, por meio de dispositivo legal. Nesses casos, a lei determina que sejam preservados e colocados à disposição dos pesquisadores. Por se tratarem de documentos de natureza privada, os arquivos pessoais reúnem muitas vezes informações cujo acesso pode comprometer a intimidade do seu titular ou de terceiros. O Brasil hoje já dispõe de um corpo de leis regulamentando várias questões na área de arquivos, entre elas, o acesso a informações de natureza privada. Além da lei 8.159, de 1991, conhecida como Lei de Arquivos, que possui um capítulo dedicado aos arquivos privados, o decreto 2.942, de 1999, e a Resolução nº 12, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ estão voltados para o tema.²²

Para concluirmos esta reflexão, apontamos alguns aspectos que se oferecem no trabalho com fontes oriundas de Acervos Privados, seja como instrumento de construção de redes, onde o fundamental é “perceber um conjunto de relações que evidenciam um grupo organizado, seja com ênfase no conteúdo, permitindo uma

²¹ GOMES, Ângela, de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freire. In: GOMES, *Escrita de si...*, p. 53.

²² CPDOC-FGV. O que são arquivos pessoais. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/arquivospessoais>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

*aproximação com circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, além da troca de idéias e favores*²³.

As cartas e as páginas dos diários foram escritas por pessoas que ali expressaram suas opiniões, afetos, conflitos, anseios, mas inseridos em um tempo e espaço determinados. Portanto, é necessário entender o produtor e o destinatário da correspondência imersa em um contexto histórico e social. A compreensão do mundo em que viviam nos fornece elementos para trabalharmos determinado contexto histórico-social e interpretarmos como suas vidas foram conduzidas e quais as estratégias utilizadas para converter os acontecimentos a seu favor²⁴.

Chartier afirma que a relação entre leitor e leitura supõe uma multiplicidade de mediações e de intermediários entre as palavras anunciadas e a página impressa. A forma de apreensão de sentido é articulada à mentalidade do leitor, a qual é definida pelo *“estado da língua, no seu léxico e na sua sintaxe, os utensílios e a linguagem científica disponíveis. Esse suporte sensível do pensamento é o sistema das percepções, cuja economia variável comanda a estrutura da afetividade”*²⁵.

Em suma, há um espaço existente entre o que foi escrito e o que estamos lendo. O texto tem um conteúdo que ao ser lido produz efeitos, portanto, sua leitura é marcada pela produção de sentidos.

Conclusão

Papéis antigos guardados pelas pessoas, como as cartas e diários, embora sempre tenham sido usados para ler o passado, apenas mais recentemente foram consideradas fontes privilegiadas, com grandes possibilidades de serem objetos da pesquisa histórica. Concomitante a isso, intensificam-se as discussões sobre a sua utilização e análise, com a constituição de centros de pesquisa e documentação destinados à guarda de Acervos Privados. Estes atuam tanto como fontes alternativas, como constituem fundamentos e indicam rumos de pesquisa não encontráveis em outros documentos, dependendo do enfoque escolhido pelo pesquisador. Podem ser utilizados como fonte principal caso a opção seja realizar uma *“história de vida”* ou podem dialogar com outras fontes para reforçar, criticar ou subsidiar determinados aspectos.

Na verdade, os vestígios da atividade humana são variados e se tivermos uma maior abrangência nas concepções sobre o que é importante na História, nossos fragmentos de papel sobre pessoas, instituições e gestos culturais serão chaves de leitura para compor uma memória múltipla. O trabalho com Acervos Privados, valorizando a experiência social, oferece aproximação com personagens por muitos desconhecidos, com todo o impacto das representações que faziam de si e do mundo.

O retorno para nossa História é um passado melhor decifrado, uma humanização dos chamados *“grandes personagens”* e a recuperação dos cotidianos que muitos

²³ TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral nos discursos da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p.54.

²⁴ DIAS, C. G. P. Um olhar sobre o livro ‘Nas margens de Natalie Zemon Davis’: em busca de uma reflexão a partir do gênero biográfico. *Histórica*, Porto Alegre, n. 5, 2001, p. 103-110.

²⁵ CHARTIER, R. Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jésus Anaya, Daniel Goldin e Antonio Saborit. São Paulo: Artmed, 2001, prólogo, p.37.

achavam irremediavelmente perdidos quando se foi embora o último contador daquelas histórias.



RESUMO

Neste artigo, dedicamo-nos a apontar a potencialidade dos Acervos Privados como fontes para iluminar ou rediscutir diferentes aspectos históricos, bem como uma análise das representações e das ligações entre o individual e o coletivo. Seu caráter íntimo é exposto pela leitura das correspondências, nas quais fragmentos de existências ficaram registrados, permitindo olhares sobre as experiências plurais e o universo de seus produtores e seus destinatários. Nossa análise será exemplificada com a apresentação de três Acervos Privados, integrados por cartas, bilhetes e diários sob a guarda do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, que desde 1903 vem mantendo sob sua custódia um importante patrimônio histórico, constituído por documentos que remontam ao século XVIII, tanto privados como provenientes das várias funções exercidas pelo governo Estadual.

Palavras Chave: Fontes Históricas; Arquivos Particulares; Acervos Pessoais; Memória; Arquivos; Ensino.

ABSTRACT

Documents for private use, such as letters and diaries, but have always been used to view the past, only in recent years were considered sources with great potential to be objects of historical research. From the organization and provision of documentation, we discuss the potential of historical sources such as matches, drawing the attention that they are carriers of knowledge and experiences, therefore, the load time of the experience - discontinuous and fragmented. Such an approach allows a better understanding of the past, a humanization of the so-called "big characters" and the recovery of everyday.

Keywords: Historical Sources; Private Archives; Personal Heaps; Memory, Archives; Teaching.